

A Saúde de São Paulo

RAUL CUTAIT

A Saúde, oficialmente garantida pela Constituição, passa por grave crise. Em São Paulo, a situação não é melhor que no resto do País. Cidade complexa e heterogênea, é pólo de riqueza e desenvolvimento



que contrasta com a miséria e as condições subumanas em que vive parte considerável de sua população. Esse quadro acentuou-se de maneira expressiva nas últimas décadas, com o agravamento da situação econômica, que estimulou, entre outros aspectos, intenso processo migratório interno, trazendo à Cidade grande número de pessoas desprotegidas e com baixa qualificação técnica. Tal fato gerou um crescimento desorganizado e desestruturado de São Paulo e, conseqüentemente, a inadequação dos serviços públicos para atender às necessidades dos que aqui vivem.

Neste início de gestão, em reuniões, discussões e visitas a hospitais e outras estruturas de Saúde, pude identificar alguns dos problemas emergenciais do setor. No nível da população usuária, a Saúde de São Paulo vai mal por causa do atendimento nem sempre factível ou adequado. Isso ocorre tanto no setor de urgências quanto nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), que são os postos e centros de saúde, além dos ambulatórios especializados, que constituem a porta de entrada do cidadão no sistema público de atendimento.

Com relação à urgência, o problema vem de muitos anos e não é de fácil solução. A rede municipal, responsável por cerca de 70% dos atendimentos de urgência da Cidade, encontra-se desfalcada de recursos humanos e tecnológicos. Em função dos salários e das condições de trabalho nem sempre condizentes, bem como da falta de estímulo para o exercício da profissão, tem se verificado, nos últimos dez meses, um vertiginoso número de demissões de médicos do serviço público. Essa evasão vem criando sério vazio nas escalas, principalmente na periferia, onde a distância se soma aos fatores já mencionados. A situação torna-se mais grave ainda porque os médicos remanescentes trabalham sob intenso stress e, não raro, são acusados de "omissão de socorro".

É neste clima que funcionam várias das unidades de emergência da Cidade: médicos e demais profissionais de Saúde trabalhando sob intensa pressão, doentes reclamando que não são atendidos e o pessoal das recepções, até por falta de treinamento adequado, gerando atritos. Para complicar, de 70% a 80% das pessoas que estão nas filas dos serviços de urgência necessitam apenas de atendimento de

rotina, mas acabam procurando os prontos-socorros e os prontos-atendimentos, ou por dificuldade de serem consultadas nos postos ou por saber, que, de uma forma ou de outra, serão atendidas naquele mesmo dia.

A Saúde de São Paulo encontra-se num momento crítico e necessita de algumas definições:

■ **Administrativa** -- o modelo descentralizado, iniciado na gestão passada, não encontrou ainda identidade própria além disso, não tem respaldo na lei. Assim, é imperiosa uma ampla e difícil reformulação administrativa da Secretaria Municipal da Saúde (SMS), com a criação de uma nova cultura gerencial, mais dinâmica e eficiente;

■ **De financiamento** -- apesar de razoavelmente contemplado pelo orçamento municipal, o setor precisa encontrar rapidamente novas formas de financiamento, se quiser se preparar para oferecer qualidade aos usuários. Complementarmente, tendo em vista que o repasse do Inamps, nos moldes atuais, gera desperdício e defasagem financeira, é premente que seus recursos sejam o quanto antes repassados ao município, como apregoa a Constituição;

■ **Municipalização** -- este processo dará ao município o comando da Saúde, permitindo racionalizar os recursos econômicos e humanos existentes. Em maio firmamos compromisso com a Secretaria Estadual da Saúde, visando iniciar a municipalização, em caráter piloto, na região de Pirituba-Perus (Zona Norte de São Paulo).

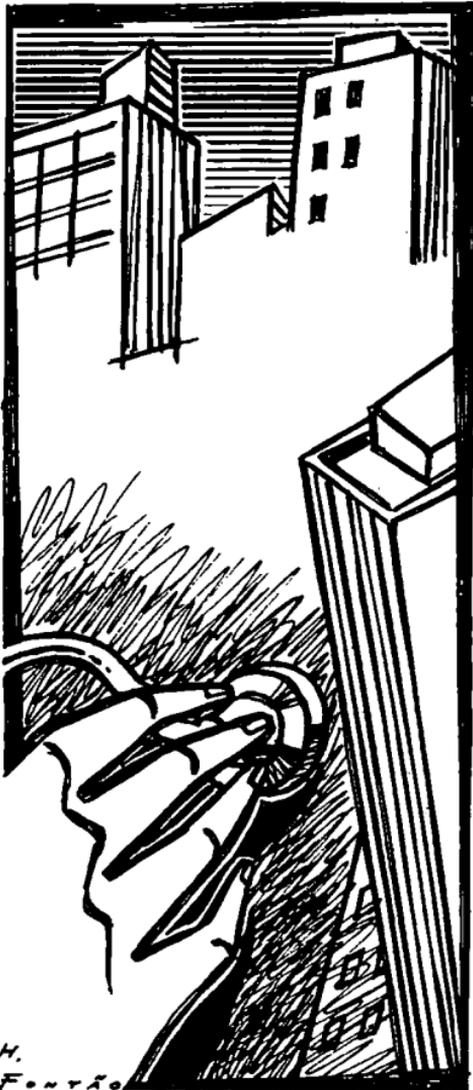
Contudo, existem alguns aspectos cruciais para se equacionar o problema Saúde em São Paulo, que devem ser salientados, destacando-se o padrão qualidade do atendimento. Assim, é fundamental que não só se ofereça à população o acesso ao sistema, seja pelas UBS, seja pelo setor de urgências, mas também que se obtenha qualidade no atendimento. Para tanto, a SMS passa por importante reformulação de sua cultura gerencial, que permitirá a médio prazo melhorar a eficiência dos serviços como um todo. Também se está investindo maciçamente no elemento humano e, com o apoio do prefeito, está sendo criado o Plano de Cargos e Carreira (PCC), fundamental para valorizar primordialmente a qualidade do profissional da Saúde, e não mais essencialmente seu tempo de serviço. Por esse plano, já finalizado, será possível contemplar, em termos de ascensão profissional e nível salarial diferenciado, quem a isso fizer jus por desempenho, experiência e titularidade.

Adicionalmente, está sendo implantado o Programa de Educação Continuada para os médicos da rede organizado em conjunto com a Associação Paulista de Medicina e as sociedades médicas de diversas especialidades. A médio prazo, pretende-se estender esse programa a todos os outros profissionais da Saúde. Por sua vez, o Programa de Residência Médica, atualmente atrofiado, deverá abranger grande parte dos serviços da rede, o que trará nitidos benefícios aos hospitais envolvidos. Mais ainda, estamos estimulando convênios com as universidades, tanto para atividades programáticas quanto assistenciais.

Quero ainda lembrar que cabe ao poder público desencadear as ações de promoção e proteção da Saúde, com medidas que visem prevenir as doenças e cujos resultados só se farão sentir no decorrer dos anos. Cabe aqui citar o enorme interesse da população por nossas atividades de prevenção da cólera, bem como o grande afluxo de pessoas aos postos ambulantes em ônibus, dispostos nas ruas durante o Projeto Bairro a Bairro e que têm feito avaliações preventivas de diversas doenças e de saúde bucal de crianças.

Reconheço que existem enormes dificuldades para equacionar o Sistema de Saúde de São Paulo, e que muitas ações só terão repercussão a médio e longo prazos. Mas tenho a convicção de que soluções existem, embora dependam de que o setor receba um tratamento primordialmente técnico, com o devido respaldo político. E não vice-versa, senão estará fadado a não se adequar às reais necessidades da população.

■ Raul Cutait é secretário da Saúde do Município de São Paulo



H. F. ...